



ISSN 3085-9026

REVISTA VOZ DA PALAVRA

Z ÚM BI

Vol. 1 - Nº 13
Novembro 2025
Fortaleza/CE

“Zumbi representa
a coragem
de um povo
que nunca
se calou diante
da opressão.”

Editores:
Gilson Pónthes
&
Pedro Blum

ISSN 3085-9026

Revista Voz da Palavra



Volume 1

Novembro de 2025/Fortaleza/CE

E-mail: profgilsonpontes4@gmail.com

Contato: (85) 9 9648-2190

Editores:

Gilson de Albuquerque Pontes

&

Pedro Blum de Moura

Copyright © Revista Voz da Palavra

**UM ESPAÇO
ESPECIAL
PARA DESTACAR
OS AUTORES**

**ISSN
3085-9026**



Gilson Pónthes



Pedro Blum

***Escritores e Poetas
nesta revista***

- **Ana Lessa**
- **Bernivaldo Carneiro**
- **Gilson Pónthes**
- **Isa Bacelar**
- **Jeferson Santana**
- **Nalanda Livia**
- **Pedro Blum**
- **Rebeca Trovão**

Email: revistavozdapalavra@gmail.com

“Zumbi levantou-se contra as correntes não apenas para libertar um povo, mas para lembrar ao mundo que a dignidade jamais se rende.”

EXPEDIENTE

Presidente: Gilson de Albuquerque Pontes
e Vice-Presidente: Pedro Blum de Moura

Revista: Voz da Palavra

Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes

Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque Pontes
e Pedro Blum de Moura

Revisão: Emmanuela A. Amaral de Moura

Design e Diagramação: Gilson Pónthes

Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes

Colaboradores desta revista:

Redes Sociais: Site, Instagram,
Facebook, Google e WhatsApp

NOTA
Todos os textos e imagens
publicadas
são de responsabilidade
da revista.

A reprodução é permitida somente
com autorização por escrito.

EDITORIAL

Consciência Negra: Agora é Feriado Nacional Um marco histórico

O Brasil deu um passo importante na valorização de sua própria história: o Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, agora é feriado nacional.

A decisão reconhece oficialmente a importância da luta do povo negro e a figura de Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência contra a escravidão e da busca por liberdade. Mais que um feriado, é um ato político e de memória, que coloca a pauta racial no centro da agenda nacional.

O que representa o 20 de novembro

A data lembra a morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, em 1695.

Palmares foi o maior símbolo da resistência negra no período colonial, um espaço de liberdade em meio à opressão.

Hoje, o 20 de novembro nos convida a refletir sobre o racismo estrutural, a desigualdade social e o papel da população negra na construção do país.

É um momento de consciência e reconhecimento, não de folga: de olhar para trás e compreender o presente.

O peso da representatividade

Transformar o 20 de novembro em feriado é dar visibilidade a uma história muitas vezes silenciada.

É reconhecer que o Brasil é majoritariamente negro, mas ainda carrega marcas profundas de exclusão.

A conquista é simbólica, mas também educativa: escolas, instituições e meios de comunicação têm agora uma responsabilidade maior em promover debates, eventos e ações afirmativas.

A palavra como resistência

A Voz da Palavra entende que celebrar é também resistir. Nesta edição, reunimos textos, poemas e reflexões que ecoam o grito de Zumbi, a força das Dandaras e a esperança das novas gerações.

A palavra é nossa arma mais antiga — e também a mais atual. Porque falar, escrever e ensinar sobre Consciência Negra é garantir que o futuro seja menos desigual e mais humano.

Editores: Gilson Pónthes & Pedro Blum

SUMÁRIO

Uma manhã de saraú	7
Registros de uma manhã de poesia	8
Uma prisão libertadora	9/10
Vozes esquecidas	11
Consciência Negra	12
O Consciência negra: A memória que o Brasil tenta esquecer	13/14
A flor é o Mistério	15
Tesoura de Ogum, Cabelo de África	16
Entre Flores e Fleshes: a Fotografia como Instrumento de Educação Ambiental	17/18
Discurso: Por: Nalanda	19
Zumbi, o sopro da liberdade	20



Uma manhã de sarau

7

Segunda-feira, 17 de novembro de 2025

Por: Pedro Blum

A Escola Doutor Gentil Barreira, instalada na 2ª Etapa do Conjunto Ceará, promoveu uma manhã singular de celebração artística e cultural. Sob a condução atenta do diretor Professor Elias Braga e o suporte diligente da Professora Yana Lucena, o evento ganhou brilho especial com a parceria da Revista Voz da Palavra, representada por seus criadores e acadêmicos imortais da ALMECE, Gilson Pónthes e Pedro Blum.

Também prestigiaram a ocasião diversos representantes das Academias de Letras e Memória do Ceará e de outras instituições culturais, cuja presença contribuiu para enaltecer o caráter literário do encontro. O Sarau, cujo eixo comemorativo foi o Dia dos Professores, destacou-se especialmente por seu conjunto de apresentações artísticas: declamações poéticas, interpretações musicais e outras expressões de talento que emocionaram o público e reafirmaram o valor da arte na formação humana.

Após o momento central dedicado às artes, seguiram-se sorteios, entrega de brindes e atividades complementares, que contribuíram para tornar a manhã ainda mais alegre e participativa.

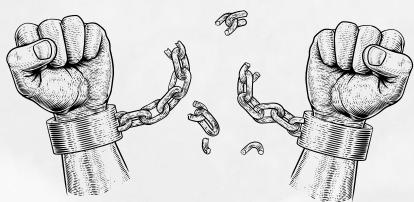
A presença expressiva de pais, familiares e convidados ampliou o êxito da iniciativa, conferindo ao evento um lugar de destaque nos registros da instituição — a primeira escola de Ensino Médio verticalizada da capital, pioneira no modelo. Embora hoje já existam outras escolas verticalizadas em Fortaleza, o Gentil Barreira preserva seu valor histórico ao inaugurar esse formato pedagógico e arquitetônico na cidade.

Para os dirigentes da Revista Voz da Palavra, a manhã revelou-se motivo de legítima satisfação, tanto pela visibilidade alcançada quanto pela oportunidade de fortalecer a difusão da cultura cearense, reafirmando seu compromisso com a preservação e valorização das letras e das artes do nosso estado.



Registros de uma manhã de poesia





UMA PRISÃO LIBERTADORA

9

Por: Nalanda Lívia Souza Chaves

Projeto: Escrita Criativa

**Tema: 13 de maio —
Uma outra história**

**Na sombra das ilusões que me contaram,
me envolvi em histórias mal contadas,
onde a verdade foi silenciada
e a残酷被 glorificada.**

**É triste conhecer o outro lado,
o lado oculto da dor,
das lutas esquecidas,
dos gritos abafados,
das chagas da escravidão.**

**Distorcem os heróis,
escondem sua coragem,
e exaltam quem assinou,
mas não libertou.**

**Poucos sabem quem foi Luiz Gama,
vendido pelo próprio pai,
filho de uma mulher negra,
que fez da dor, justiça,
libertou mais de quinhentos irmãos,
com as armas da lei e da palavra.**

**Tereza de Benguela, rainha de resistência, —
unindo negros, indígenas e brancos,
defendendo seu povo por vinte anos —
quantos sabem de seu nome?**

**Dragão do Mar, o jangadeiro que
se recusou
a levar vidas negras à escravidão.
No Ceará, antes do Império,
já se gritava: "Liberdade!"**

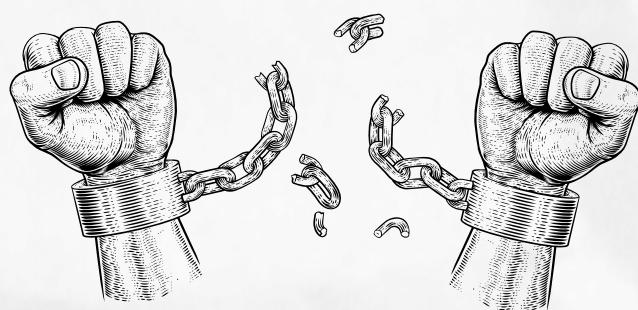
**Mas por que esqueceram?
Por que não se interessam pelas
raízes?
Registram lugares, mas ignoram a
história,
as dores invisíveis,
as lutas silenciadas,
os heróis sem aplauso.**

**André Rebouças, com a mente
engenheira,
lutou por terra, justiça e
dignidade.
Mas onde está seu
reconhecimento?
Esquecido? Não. Apenas ignorado.**

**Tia Simoa — preta, firme e
valente —
mobilizou milhares,
enfrentou o sistema
e quebrou as engrenagens da
opressão.
Por que não a conhecem?**

**Pergunta:
Foi libertação... ou ilusão?
Se o "liberto" era proibido de
sonhar,
de estudar, de existir por inteiro?
Se a escravidão voltou em forma
de fome intensa,
de abandono, de preconceito?**

**Libertaram sem dar chão,
sem dar livreto, sem dar voz.
A Lei Áurea foi o silêncio
disfarçado de decreto,
a prisão das oportunidades,
o começo de outra luta.**



**A cor da pele ainda fere,
a cultura ainda é julgada,
as raízes ainda são arrancadas.
Mas há esperança,
em cada palavra que resgata,
em cada verdade que se levanta.**

**Que os nomes esquecidos
voltem à luz.**

**Que o senso comum
seja desmascarado.**

**Que a nossa história
seja contada,
com verdade,
coragem e justiça.**



Isa Bacelar

**Os portugueses trouxeram a morte,
Os africanos deixaram a dança,
Na história, só vemos um lado,
Mas a cultura é nossa herança**

**As cores vibrantes da tradição,
Misturam-se com o que veio de fora,
Em cada passo, uma revolução,
E o legado que se ignora.
Querem embelezar a dor
Querem fingir que nada aconteceu
Podem ter trazido o romantismo
Mas e o Zumbi que por nós morreu?**

**Lutaram por nós
Mas dão valor aos invasores,
Entre mil nós
Foram contra os opressores,
Morreram como heróis
E hoje julgam seus sucessores**

**Samba, rap e hip-hop,
A voz das periferias,
Mesmo após a abolição,
Persistem as injustiças e agoniadas**

**Nas favelas e nas ruas,
O rap é a voz da verdade,
Denunciando as injustiças,
E clamando por igualdade**

**O Samba é o coração
Lar ardente que me sinto acolhido,
Nesse clima frio
Eu sinto o fogo,
O fogo de todas essas vozes
que um dia foram esquecidas
Tragam garrafas d'água para
suprir suas gargantas,
Pois eles podem gritar por
várias noites
Até suas reclamações serem ouvidas.
Cadê o respeito que vem do peito?
Cadê o crédito de arte pra tal sujeito?
Cadê o perfeito e o imperfeito?
Prefiro lavar minha cabeça com água
Porque de sangue já basta
das que caíram,
E igualdade quero proclamar
Para não ser mais iludido.**



Por Pedro Blum

No século XVII, no Quilombo dos Palmares, sob a liderança de Zumbi, mais precisamente no ano de 1695 — quando ocorreu sua morte por decapitação —, nasceu o que hoje compreendemos como a Consciência Negra.

Essa consciência surgiu para respaldar a brutal investida sofrida de maneira covarde, em um tempo em que os homens de pele vermelha não aceitavam o progresso dos homens de pele escura. Isso acontecia mesmo antes do processo sistemático da escravidão, quando os navios negreiros transportavam seres humanos amontoados nos porões, sem a mínima condição digna de existência.

Para mim, particularmente — sem querer atropelar os exímios historiadores —, é impossível não reconhecer a dor e a resistência daqueles que viveram na própria pele as situações vexatórias e cruéis de uma época em que muitos foram condenados à morte apenas por teimarem em ser livres, ou por praticarem atos de desespero diante da opressão.

Mesmo após o dia 13 de maio de 1888, quando se deu oficialmente a abolição da escravidão através da assinatura da Princesa Isabel, o tratamento desumano persistiu. Ainda que as leis do Império Português declarassem liberdade, a sociedade manteve por muito tempo as correntes invisíveis do preconceito.

A Consciência Negra é uma ciência —
passível de julgar a arrogância e o preconceito,
seja qual for sua forma.

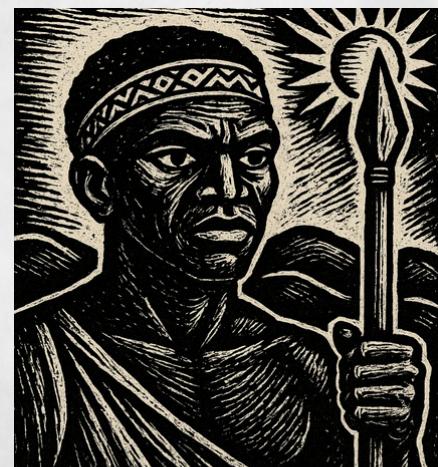
Diffíl é aceitá-lo,
pois maltratar é coisa ruim,
nunca vi igual assim.

Espelhe-se para se guardar:
o preconceito eu não aceito;
prefiro honrar e ser direito,
a todos abraçar.

Esta é uma crônica sintetizada,
cujo teor reafirma a preponderância humilhante que, infelizmente,
ainda tentam impor em diversas situações — movidos por imbecis e
idiotas de marca maior.



CONSCIÊNCIA NEGRA: A MEMÓRIA QUE O BRASIL TENTA ESQUECER



Rebeca Trovão
3º F

No Brasil, a história do povo negro nunca coube nos livros — porque sempre transbordou deles.

Transbordou em sangue, em silêncio, em ausência.

Transbordou porque a dor que se tenta apagar não desaparece; ela retorna, persistente, como cicatriz que a própria pele se recusa a esquecer.

A Consciência Negra existe porque o país construiu sua riqueza sobre vidas sequestradas.

E insiste, até hoje, em fingir que isso não moldou cada tijolo das cidades, cada engrenagem do

Estado, cada desigualdade que ainda respira.

A escravidão acabou “no papel”, mas a sua arquitetura permaneceu intacta, reorganizada, refinada, legitimada sob novas linguagens.

A verdade é que a liberdade do povo negro no Brasil começou sem terra, sem reparação, sem direitos e sem proteção.

E é essa origem — incompleta e injusta — que reverbera até agora, nos índices de violência, no acesso desigual à educação, nos salários, nos corpos negros alvos da polícia, nos rostos ausentes das universidades e dos espaços de poder.

Mas a dor do povo negro não é apenas estatística.

É memória viva.

É o som das línguas proibidas.

É a ausência dos nomes apagados.

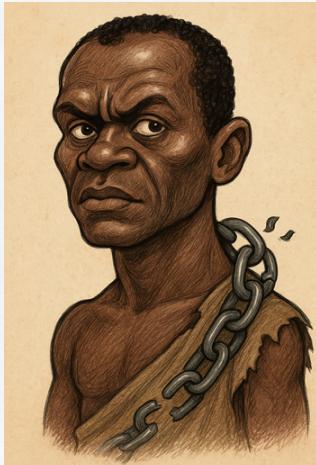
É o choro que ninguém registrou.

É a resistência que ninguém ensinou nas escolas.

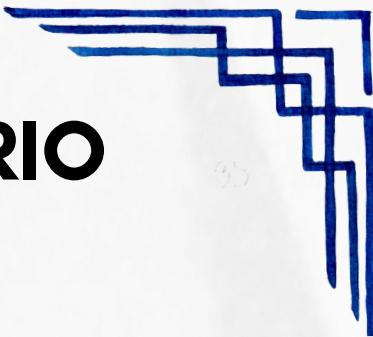
É o luto que se transformou em cultura, ritmo, fé, comunidade.

É a herança que precisou ser escondida para sobreviver.

E mesmo assim, o Brasil insiste em romantizar sua própria violência.
Insiste em celebrar a cultura negra enquanto ignora o sofrimento que a pariu.
Insiste em consumir a estética negra, mas rejeitar o corpo negro.
Insiste em pedir “superação” a quem nunca recebeu condições mínimas de existir com dignidade. Consciência Negra, portanto, não é efeméride.
É reparação intelectual.
É rigor histórico.
É ética coletiva.
É olhar para o passado sem filtros, aceitar que a dor que moldou este país ainda molda o presente, e reconhecer que o racismo não é falha: é sistema.
E sistemas não mudam com discursos — mudam com enfrentamento.
Mas é também poesia.
Porque, apesar de tudo, o povo negro transformou sofrimento em força, silêncio em voz, apagamento em presença.
A resistência negra é o maior ato poético já escrito neste país: sobreviveu sem autorização, sem apoio, sem descanso.
A Consciência Negra exige que o Brasil finalmente leia essa poesia — inteira — e não apenas as partes que lhe convêm.
Exige que a dor seja reconhecida, que a história seja contada, que a dívida seja admitida.
Exige, sobretudo, que a memória não seja tratada como obstáculo, mas como fundamento.
Porque só existe futuro quando se honra quem o carregou nas costas.



A FLOR E O MISTÉRIO



Ana Lessa

Pretinha, flor do meu jardim
Radiante, um brilho sem fim
Elegância em cada passo
Talento, um abraço
Alegria que contagia, enfim.

Nobreza em seu olhar
Esperança a brilhar
Gentileza no falar
Radiante a caminhar
Alma linda a amar.



Pedaço de mistério que se revela
Atraindo olhares, trazendo cautela
Raios de luz dançam por trás da trama
Deixando no ar um toque de drama
A beleza oculta, a essência a brilhar.

TESOURA DE OGUM, CABELO DE ÁFRICA

Por Bernivaldo Carneiro



No espelho de novembro, onde o tempo se penteia de luz e lembrança, reencontro o menino de colo que o vento das décadas não apagou. E, por trás desse reflexo, surge minha mãe — mulher de fé e alma frágil, que não conhecia limites ao me atribuir virtudes.

Negando a travessia africana que ainda lateja em nossas veias, via-me quase um viking: um filho forjado nas neves, não na aridez abrasadora do sertão nordestino. Isso, até o dia em que confiou minha cabeça de criança à tesoura de Tonho da Sola — o “Profissional de Sevilha” de minha cidade, homem de poucos dentes e muitos ofícios.

Sujeito que saltou da estufa materna ao mundo, montado em pernas cambotas e pés de bolão voltados para trás e, desde sempre, artífice do couro e da teimosia. Fabricava arreios e peças que lhe cobrissem as anomalias. Homem de pouca massa (pequeno e magro) e que, apesar de ser inimigo do sabão e da escova de dente, foi precursor do concubinato e fértil em descendência: vinte e sete filhos, todos com a cara de quem driblara a fome. Faleceu aos 93, vítima de pneumonia — castigo do primeiro banho da vida.

De gênio curto e lâmina afiada, não tolerava contestação. Certa vez, ao ser questionado por um fiscal insatisfeito com o umectante espalhado nas faces do erário com mãos calosas, Tonho respondeu:

— Você dê graças a Deus por ser de fora! Nos daqui, eu cuspo é direto nas fuças!

Esse era o Tonho da Sola, que pôs meu cabelo a perder. Antes loiro e esvoaçante, e crespo e escuro depois do corte.

Mas minha mãe não se rendia. Às tardinhas, do batente de nossa casa, enquanto catava lêndeas e piolhos no emaranhado do meu black power, lançava olhares de guerra à barbearia e, com a fúria de quem pretendia consertar o mundo, vociferava:

— Pé de chumbo, cambota, entrevado, escultor de rebeldia em forma de cabelo...!

Entre flores e flashes: a Fotografia como Instrumento de Educação Ambiental

17

Fotos:



JEFERSON SANTANA DOS SANTOS

Partindo do anseio de engajar os nossos adolescentes na Educação Ambiental, e inspirados pelos concursos científicos de fotografia realizados em universidades, germinou na EEFM Dr. Gentil Barreira uma pequena ideia, tal qual um embrião na semente: criar o nosso próprio evento, carregado da energia e criatividade que tanto afloram em nossa escola.

A ideia, compartilhada entre professoras de Biologia, Arte, Química e Língua Portuguesa, cresceu como uma árvore que encontra solo fértil. E imagine o que pode florescer quando ciência e arte se encontram: o I Concurso de Fotografia, guiado pelo tema “Educação Ambiental, sustentabilidade e emergência climática”. Aquele projeto, inicialmente miúdo, desdobrou-se em um evento grandioso, capaz de mobilizar toda a escola. Foi uma atividade interdisciplinar extremamente prazerosa, na qual nossos estudantes puderam oferecer à comunidade seus olhares e perspectivas sobre a natureza que os rodeia.

Da mistura entre arte e ciência, amadureceram cinco categorias: “Zooclick”, dedicada às fotografias de animais; “Arte que brota”, com registros das encantadoras plantas; “Natureza em silêncio”, capturando as belezas das paisagens da cidade; “Mundo invisível”, perscrutando o espetáculo microscópico que escapa aos olhos; e, por fim, “Natureza ferida”, registro sensível das cicatrizes ambientais que nos cercam. Ao todo, 55 obras foram apresentadas à comunidade, cada uma revelando múltiplas possibilidades de contemplação e reflexão.

Somaram-se ao nosso evento a exposição “Mares por onde andei”, de Alisson Marley Alcântara, e as imponentes fotomicrografias da doutora em Química Natália Gomes. Nesse mesmo dia de exposição, 420 apreciadores contemplaram, votaram e se emocionaram, culminando numa cerimônia de premiação regada por ciência, arte e Educação Ambiental. O que nasceu como uma pequena ideia tornou-se uma grande árvore que nos convida a observar o mundo com mais calma, mais curiosidade e mais poesia.

Gratidão às professoras,
pesquisadoras e
artistas que fazem
qualquer evento brilwhar:
Carolina Bomfim, Raquel Santos,
Gisele Castro e Yana Lucena.

DISCURSO: POR: NALANDA

Com imensa alegria e honra, compartilho com vocês mais uma conquista: fui a ganhadora do 1º lugar no II Concurso de Poesia da EEM Dr. Gentil Barreira — escola onde estudo — com o tema: “Professores e Professoras: Vozes que Ensinam, Corações que Inspiram!” 🏆📚❤️

Primeiramente, agradeço a Deus por todas as oportunidades, pela força, pelas conquistas e pela fé que me impulsiona diariamente a persistir nos meus objetivos. Que Ele continue guiando cada passo da minha vida e iluminando cada vitória.

Agradeço profundamente a todos os professores que já fizeram parte da minha trajetória e aos que me acompanham hoje — incluindo professores(as), coordenadores e diretor. Muito obrigada pela paciência, pelo apoio, pelo auxílio, pela dedicação e por todas as bênçãos que me permitem crescer.

Meu sincero agradecimento, Mestres do Saber, por se dedicarem todos os dias para que nós, alunos em jornada pelo conhecimento, possamos alcançar nossos sonhos!

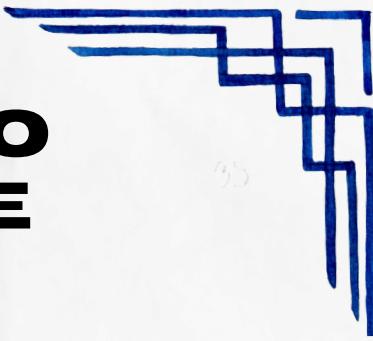
Agradeço também à Revista Voz da Palavra pelas oportunidades incríveis que nos proporciona. Uma revista que inspira por meio do vasto conhecimento que compartilha. ❤️

Minha gratidão estende-se também à minha família, por todo amor, apoio em cada processo e pela alegria de comemorar comigo cada conquista. Amo vocês e sou imensamente grata por tudo o que fazem por mim. ❤️

O Dia do Professor é comemorado em 15 de outubro, mas acredito que todos os dias devem ser dedicados aos Mestres do Saber! ❤️📚

@gentilbarreirauv2

ZUMBI, O SOPRO DA LIBERDADE



Por: Gilson Pónthes

**Nas madrugadas de Palmares, quando o céu era
um manto de carvão salpicado de estrelas, havia
um silêncio que respirava coragem. Era ali, entre
o canto dos grilos e o cheiro de terra molhada,
que Zumbi caminhava — sombra viva, centelha
acesa.**

**Diziam que seus passos não tocavam o chão:
flutuavam sobre a esperança dos que fugiam da
dor.**

**Zumbi era vento que rasga a noite.
Era tambor que pulsa no peito dos que sonham.
Era raiz que não se dobra.**

**No brilho dos olhos de cada criança liberta, ele
plantava um futuro.**

**No abraço dos quilombolas, ensinava que
liberdade é flor que nasce mesmo em solo ferido.**

**E quando tentaram apagá-lo, o tempo se recusou.
Porque um homem pode ser silenciado,
mas não o fogo que carrega dentro.**

**Zumbi permaneceu.
Permanece.
Permanece como poesia indomável,
dançando nos versos da história — lembrando-nos
que nenhum coração nasceu para o cativeiro.**

